

CARINA FREDERICA BORG

PERSONALIDADE DO TÉCNICO DE VOLEIBOL DE CURITIBA E REGIÃO METROPOLITANA

Monografia elaborada como pré-requisito
de conclusão da disciplina Seminário de
Monografia do Curso de Educação Física
da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Sérgio Tadeu Meggoëtto

CURITIBA
1992

"Quem pratica a verdade aproxima-se da luz a fim de que as suas obras sejam manifestadas, porque feitas em Deus."

João 3:21

SUMARIO

LISTA DE TABELAS

TABELA I	19
TABELA II	20
TABELA III	22
TABELA IV	22
RESUMO	v
1 INTRODUÇÃO	1
1.1 ENUNCIADO DO PROBLEMA	1
1.2 DELIMITAÇÕES	1
2 JUSTIFICATIVA	2
3 OBJETIVOS	3
4 REVISÃO DE LITERATURA	4
4.1 REFERENCIAL TEÓRICO	4
4.2 DEFINIÇÃO DE TERMOS	15
5 METODOLOGIA	17
6 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS	18
CONCLUSÃO	24
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	25

1 INTRODUÇÃO

1.1 ENUNCIADO DO PROBLEMA:

Existem alguns traços de personalidade comuns aos técnicos de voleibol de Curitiba e Região Metropolitana?

1.2 DELIMITAÇÕES:

1.2.1 LOCAL:

Curitiba e Região Metropolitana.

1.2.2 UNIVERSO:

Técnicos de voleibol cujas equipes participaram do VIII Intercolegial Curitiba, na categoria A.

1.2.3 AMOSTRA:

Foram escolhidos 50% desse universo total por sorteio.

1.2.4 VARIÁVEIS:

VARIÁVEL INDEPENDENTE: Técnicos de voleibol de Curitiba e Região Metropolitana.

VARIÁVEL DEPENDENTE: Traços de personalidade.

VARIÁVEL DE CONTROLE: Categoria das equipes (A).

1.2.5 ÉPOCA: outubro de 1992.

2 JUSTIFICATIVA

O papel de técnico de um time desportivo exige certas características, necessita-se de um técnico que consiga exercer "influência fundamental nas condições psicológicas do atleta" (SILVA, 1969). Cada vez mais, "o treinador se torna uma pessoa mais importante dentro de toda a engrenagem" (FERNANDES, 1947).

Ao técnico são atribuídas várias funções, o que exige uma série de atributos, entre eles está o de ser capaz de selecionar e utilizar os potenciais dos atletas da melhor forma.

Cada desporto possui suas características sendo assim, questiona-se se o técnico de voleibol também possuiria suas próprias características, o que a literatura não nos esclarece. Considerando-se sua importância no voleibol, e que "o aspecto mental de uma partida é essencial e o aspecto psicológico é uma arma e contribui para a vitória" (BAACKE, s/d), verifica-se que não é qualquer pessoa que estaria apta a ser um excelente técnico de voleibol, mesmo que tecnicamente bem informado, questiona-se então quais são os traços de personalidade que caracterizariam o técnico de voleibol. Esta pesquisa poderá servir de subsídio para a realização de outras pesquisas no aspecto psicológico do desporto voleibol e até de outros desportos.

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL:

Identificar traços de personalidade semelhantes no técnico de voleibol de Curitiba e Região Metropolitana.

3.2 OBJETIVOS ESPECIFICOS:

- Ressaltar a importância da personalidade do técnico frente aos atletas;

- Buscar na literatura considerações sobre traços de personalidade ideais no técnico;

- Identificar traços de personalidade semelhantes nos técnicos de voleibol;

- Argumentar a importância destes traços de personalidade semelhantes nos técnicos de voleibol, caso sejam encontrados.

4 REVISAO DE LITERATURA

4.1 REFERENCIAL TEORICO

01-PERSONALIDADE:

Antes de iniciar uma pesquisa sobre a personalidade do técnico de voleibol torna-se necessário definir o termo personalidade. KLEINE (1986) identifica aí o primeiro problema, pois existem provavelmente tantas definições do que se entende por personalidade, como existem pesquisadores sobre o assunto. Através de PARISI (1983) temos a definição num sentido etimológico da palavra "personalidade origina-se do latim persona, nome da máscara com que os atores de teatro romano antigo representam seus papéis". Comenta SINGER (1972) que houveram muitas alterações quanto ao sentido da palavra, sem chegar à alguma satisfatória. Sendo ela às vezes considerada como os modos característicos que se tem, refletindo influências hereditárias e ambientais. Uma definição muito utilizada em psicologia é a de PARISI (1983) em que personalidade é o elemento estável e sólido da conduta de uma pessoa. É o conjunto de hábitos, atitudes e traços característicos, que determina o ajustamento de uma pessoa em seu ambiente. É a unidade integrada de um ser humano, isto é; o conjunto de suas características permanentes como temperamento, constituição, inteligência e caráter, fazendo-o, com estes atributos, diferente de outro ser humano.

A diversificação de conceitos sobre personalidade é tanta, que FISCHER (1976) cita uma lista de conceitos de vários autores, dentre eles o que mais se assemelha ao de PARISI é o de HOLLANDER (1967) em que "personalidade é a soma total das características de um indivíduo que o torna singular", semelhante ao conceito de GUILFORD (1959): "(...) é o padrão singular de traços de uma pessoa". Já numa concepção mais interacionista MURPHY (1947) define-a como "uma continuidade fluente de acontecimentos entre organismo e meio ambiente". Em contraposição ALLPORT (1937) e CATTELL (1955) a definem mais como aquilo que fará a pessoa responder de determinada forma singular a uma situação qualquer. TELES (1975) analisa que a maneira de conceituá-la dependerá do tipo de abordagem feita. Podendo ser vista como uma variável interventora, como um estímulo, como respostas, etc. Já o seu próprio conceito inclui todas as percepções, motivações, traços, hábitos, condicionamentos, valores padrões de comportamento, o temperamento, as crenças e expectativas do sujeito, no qual ela diz que a personalidade consiste em todas as características organizadas que definem um indivíduo. E o resultado da interação entre **hereditariedade e ambiente**. Um fornece ao outro tanto potencialidades como limites. E é da relação dialética entre ambos que surge a personalidade. O que condiz com MURPHY, citado anteriormente, e com a fórmula que LEWIN montou, já na década de 30, em que o comportamento é uma função de influências da pessoa e do meio ambiente, o que é levado em consideração exatamente no modelo interacional. Sendo, que a intensidade da reação dependerá tanto dos seus traços, como da intensidade do estímulo da situa

ção, citado em KLEINE (1986). Complementa TELES (1975) descrevendo que o que determina a resposta é a percepção, sendo que cada indivíduo possui uma forma única de perceber. A autora desta pesquisa considera que a personalidade da pessoa determina a forma de perceber da pessoa, e conseqüentemente sua forma de responder àquilo que percebe, concordando com a conceituação de personalidade de CATTELL (1955): "aquilo que diz, o que o ser humano vai fazer, quando chega numa determinada situação".

O2-IMPORTANCIA DO TECNICO:

O técnico é o tema central desta pesquisa, para tal pretende-se ressaltar a sua importância: sendo ele considerado por SILVA (1967) a figura central do esporte. Se analisarmos o técnico no aspecto psicológico de um desporto, a importância do treinador aumenta significativamente, o que já escrevia FERNANDES em 1981. Outros autores, tais como BAACKE (s/d), considera o aspecto mental de uma partida essencial, e o psicológico uma arma para a vitória, dentro deste contexto está a atuação do técnico, que deverá ter bom conhecimento e experiência neste campo, ensinando aos jogadores como usar esta arma. Em resumo: "cabeças pensantes de técnicos e atletas são a chave da vitória" (SILVA, 1967). Para SINGER (1972), o técnico é responsável por seus jogadores e pelo desempenho do time em todos os níveis competitivos, do escolar elementar ao esporte profissional, o que coloca sobre a figura do técnico uma grande importância, e uma grande responsabilidade nas suas atitudes. Neste sentido, SILVA (1967) salienta que: há uma nuance que torna mais ingrato o

trabalho do treinador, ele é sempre o primeiro culpado quando seu esquadrão é derrotado; nem sempre é muito realçado nas vitórias (no futebol em geral os aplausos vão para o autor ou os autores dos gols). Outro fator importante, ressaltado por SINGER, é o de que quando há um razoável grau similar entre competidores individuais ou times em níveis de habilidade e treinamento, as técnicas psicológicas empregadas pelos técnicos podem realmente fazer a diferença nos resultados obtidos na competição. Na opinião de Singer (1972) cada técnico irá utilizar determinadas técnicas psicológicas de acordo com sua personalidade, pois entre os fatores gerais que podem contribuir para bons resultados em competições, está o fator liderança técnica: compatibilidade técnico-time-atleta. Existem ainda pesquisas que salientam que: "Os treinadores têm determinados comportamentos (ou manifestam dados sinais) reveladores de alguns desses sinais e/ou comportamentos, vão provocar níveis de ansiedade diferentes nos seus diversos atletas" (FRISCHKNECHT, 1990), o que mostra mais uma vez a importância do treinador e seus traços de personalidade.

03-COMO O TECNICO E VISTO:

Cada pessoa percebe o mundo ao seu redor de um modo, o técnico também pode ser visto de várias formas.

A este respeito SINGER cita algumas formas: alguns são conhecidos por sua agressividade e capacidade em comandar seus atletas. Outros técnicos vencedores demonstram uma boa parte de restrição e calma. Eles aparentam serem frios e calculistas e determinados abaixo de uma variedade de condições. Ambos os perfis extremistas

de personalidade são associados a resultados satisfatórios no treinamento.

Em uma pesquisa realizada na área de natação, FRISCHKNECHT (1990) conclui que o treinador é sentido como um elemento dominador do envolvimento desportivo, pela forma como exibe o seu poder e influência, ao mesmo tempo que pouca oportunidade dá aos seus atletas de se expressarem de igual modo. Em contraposição CRATTY (1984) afirma "seu retrato tem sido pintado das maneiras mais variadas: dogmático, severo e capaz de levar essas mesmas qualidades aos atletas que estão sob seu comando", complementa ainda que o técnico surge como paradigma de virtudes morais, pronto a proteger o jovem de seus erros e a prepará-lo para uma vida digna, desenvolvendo seu caráter. Sendo essa, na opinião da autora, uma visão bastante ampla da personalidade do técnico e sua influência sobre o jovem, e muito relativa, mas que talvez se explique pelo fato de que "técnicos em geral, sempre, são vistos como possuindo certas qualidades que os distinguem do restante da população" (SINGER, 1972).

Pelo fato do técnico se constituir num chefe, num amigo, enfim num líder total ele pode, às vezes ser chamado de pai (FERNANDES, 1981). E mais conforme SINGER (1972) também alunos, pais e espectadores vêem o técnico como um pai. Se há uma pequena diferença de idade entre o técnico e seus subordinados, às vezes sua imagem pode ser a de um irmão mais velho.

Apesar disso "um técnico é sempre criticado e as críticas giram em torno da pessoa, do programa e de um sem número de coisas. Em geral, um técnico é muito mais criticado do que elogiado" (MATSUDAIRA, s/d). Essa opinião é comum, também BEISSER (1967) a faz: "Os atletas são responsabilizados pela vitória,

porém o responsável pela derrota são os técnicos".

04-COMO É O TÉCNICO NA REALIDADE:

Ao comparar os verdadeiros perfis de personalidade de técnicos de nadadores de elite, com o que eles e seus atletas pensavam ser uma personalidade ideal HENDRY (1969) obteve diferenças curiosas. Os perfis elaborados a partir das respostas reais dos técnicos diferiam enormemente do que eles consideravam o ideal. Somente nos aspectos autoridade e boa vontade para aceitar mudanças não houveram diferenças. Através do Cattell, HENDRY comparou grupos de técnicos de sucesso e fracassados, sem, no entanto, encontrar diferenças nos traços de personalidade dos dois grupos.

Outras pesquisas demonstram o contrário, afirmam que existe um conjunto de traços de personalidade característicos em muitos técnicos bem sucedidos. Dentre eles está OGILVIE (1967) que declarou que os técnicos profissionais possuem alto nível de tenacidade e são capazes de aguentar tensão causada pela imprensa, torcedores e por reações à sua atuação com os times, só comparável a pilotos de corrida no esporte. Diz ainda que os técnicos da seleção nacional são geralmente maduros emocionalmente, independentes, firmes e realistas na maneira de pensar, não muito propensos a mostrar suas ansiedades e prontos a esconder seus sentimentos. "Ogilvie e Tutko disseram ainda que os técnicos, como um grupo, tendem a ter um escore alto em autoritarismo nas escalas de personalidade" (CRATTY, 1984).

Porém outros estudos recentes não confirmam o estereótipo do tipo autoritário. Em CRATTY (1984) consta que CHRISTIE e seus associados desenvolveram a Escala de Mach (Mach Scale), referindo-se aos escritos de Maquiavel, descrevendo em que medida o sujeito revela em suas respostas sua crença de que as pessoas podem ser exploradas e manipuladas.

Escore alto, nesta escala, indicam sujeitos relativamente despreocupados sobre os outros, sem emoções, cabeças-duras e prontos a ganhar "de qualquer maneira". Dentre algumas pesquisas realizadas com a Escala de Mach, a maioria não apresentou diferenças significativas, apenas foi constatada uma ligeira diferença para pior entre os técnicos voluntários provenientes da comunidade e os professores de educação física que trabalhavam nas escolas secundárias (CRATTY, 1984). Aqueles que procuram saber o segredo de elicitar um melhor desempenho, na opinião de CRATTY, ficarão desapontados. Mesmo que se consiga distinguir as tendências básicas da personalidade de uma pessoa, não está bem definida a maneira pela qual se deve "agir" para elicitar um desempenho ótimo de uma equipe (CRATTY, 1984)..1x1

05-ASPECTOS DE PERSONALIDADE CONSIDERADOS IDEAIS NO TÉCNICO:

Muitas pessoas atribuem aspectos, ao técnico, que seriam os ideais, porém não se pode dar uma "receita" do técnico ideal. Em 1967, BEISSER já descrevia um modelo de bom técnico o qual se assemelha ao modelo do bom pai, tendo em suas características o de ser forte, duro e viril, merecedor e inspirador de respeito, não punitivo, mas também não fácil; ele é a autoridade, o expert.

Num outro enfoque MATSUDAIRA (s/d) ressalta a liderança: a única e mais importante qualidade do técnico é saber comandar. MATSUDAIRA ainda complementa: Também é importante qualidade do técnico saber fazer previsão do futuro. Se um líder não pode julgar situações que virão, seus comandados estarão numa situação deplo-rável. Muitos técnicos são escolhidos apenas por seus conhecimentos técnicos do esporte e não por causa de outras qualidades mais importantes, como a habilidade de organização, sinceridade, honestidade, etc. Nesta afirmação pode-se notar a importância dada a certos traços da personalidade do técnico. SILVA (1967) salienta a importância de um bom guia, uma liderança competente, um comandante capaz é vital na estrutura e dinâmica de uma entidade esportiva. Ainda no mesmo capítulo SILVA escreve que na qualidade de líder o técnico deve "ser capaz de assumir a responsabilidade dos feitos, positivos e negativos, mormente os negativos, do grupo" e além disso enumera uma lista de qualidades que o treinador deve ter, chegando ele mesmo à conclusão que ele deve ser uma espécie de super-homem, com capacidade de estabelecer comunicação, sensibilidade psicológica, influenciar, comandar e mais um número elevado de qualidades.

M. HAROUX estabeleceu alguns requisitos e atribuições para o treinador, citados por SILVA (1967). HAROUX fez uma declaração bastante ampla sobre o técnico, servindo ela para todos os esportes, entre elas: inteligência; capacidade de observação, controle e de relacionamento com o grupo e com outros grupos; constituir um núcleo compacto, em torno do qual o grupo possa unificar-se. M. BAACKE confirma isso quando afirma que o técnico

deve ter bom conhecimento e experiência no aspecto psicológico e ensinar ao jogador como usá-lo.

De toda esta lista de atribuições do técnico pode-se concluir com SILVA que a atuação do técnico sobre a equipe é uma arte; a combinação de saber respeitar os valores humanos com a necessidade de conservar a autoridade e disciplina exige variações e habilidade de conduta somente possível em personalidades ricas e bem estruturadas, tanto mais que o ambiente tem a tensão permanente de luta com o adversário e de competição intragrupal, normal e até desejável nos elementos que querem conquistar seu lugar ao sol. Contudo, SILVA e FERNANDES, ambos, descrevem que o técnico deve ter uma personalidade bem integrada e equilibrada, um ego forte, um bom senso somado a um controle emocional, inteligência superiores aos padrões normais, também como o senso de justiça, tudo isso por ele ser um líder. Mas todas essas qualidades podem gerar outros fatores não tão desejáveis, como as citadas por SILVA: exibicionismo, hipertrofia do ego, a inteligência muito superior perturbar os comandados, e outros.

Em suma, pode-se dizer que o técnico ideal deveria ter as qualidades de um líder, de acordo com uma contribuição de KURT LEWIN a propósito da Psicologia de grupos humanos. Pode-se enumerar essas qualidades do líder da seguinte forma: integridade de caráter; coragem, moral e lealdade; capacidade de influenciar os subordinados; inteligência; imaginação; senso de humor; espírito de organização; senso de determinação e direção; entusiasmo; cordialidade; afeto; arbitrariedade; equidade no tratamento dos subordinados; não utilizar o cargo para galgar posições políticas ou outras vantagens extra-esportivas; controle (saber se as ordens são executadas), saber que todas elas são procuradas nos técnicos.

CRATTY (1984) comenta que o "modelo, provavelmente, estará calcado na personalidade de um indivíduo que foi excelente técnico ou, então, num conjunto de traços que a experiência com técnicos fez surgir como ideal". Sobre outro aspecto, segundo uma pesquisa de HENDRY (1969), aparentemente atletas e técnicos concordam sobre os traços de personalidade ideais do técnico. Ao comparar-se estimativas de técnicos de alto nível e de nadadores juniores de nível internacional, verificou-se haver visões semelhantes de estereótipo do tipo ideal: o de um indivíduo sociável e estável que poderia, até certo ponto, dominar situações esportivas e os atletas a seu cargo e além disso uma estreita semelhança nos traços de sociabilidade (ambos os escores foram altos nesse fator), estabilidade emocional e em outros traços, inclusive autoridade, insegurança, realismo, tensão e imaginação. Para eles o técnico deveria ser altamente inteligente, realista, prático, confiante e seguro, porém capaz de inventividade e pronto a quebrar a tradição quando preciso, desejoso de tomar suas próprias decisões e auto-suficiente, e também seria o tipo de homem, do ponto de vista dos nadadores, em que eles se apoiariam em crises competitivas.

Os nadadores e técnicos do estudo precedente eram um grupo selecionado. Talvez os mesmos resultados possam ser encontrados em atletas de diferentes habilidades ou diferentes idades e podem persistir em outros esportes (SINGER, 1972).

06-RELAÇÃO TÉCNICO-ATLETA:

"O técnico está para o atleta como o diretor de teatro para o ator".

cinema está para o ator, ou como o maestro situa-se em relação aos músicos, numa orquestra" (SILVA, 1967) ou seja, "normalmente, o técnico é o líder natural da equipe perante a qual desempenha uma função catalisadora. Os atletas tendem a se identificar com ele e até a introjetá-lo" (SILVA, 1967). E assim como, o diretor de teatro ou cinema, ele não aparece tanto, existem um grande número de fãs de atores, mas de diretores são em menor número.

A atuação do técnico sobre a equipe é uma arte, ele exerce influência fundamental nas condições psicológicas do atleta (SILVA, 1967). "É muito importante que o técnico saiba que cada aspecto de suas habilidades como técnico e cada ato dos jogadores tem um efeito psicológico, na sua equipe e no adversário" (BAACKE, s/d). Quanto a isso BAACKE afirma que "tudo o que ele faz contribui para reforçar a atitude mental de sua equipe e para diminuir o moral e autoconfiança do oponente", se o técnico demonstrar que perdeu a confiança na equipe e os jogadores perceberem que o técnico desistiu da luta, desistirão igualmente (BAACKE).

Mas não basta dizer "vamos vencer", o técnico deve ter uma filosofia sobre seu desejo de vitória. Ele deve falar sempre aos jogadores os porquês de suas razões (BAACKE).

Num capítulo sobre a impressão nos atletas, SINGER escreve: A quantidade de horas que um técnico passa com seu atleta sugere o potencial de influência que ele tem sobre o desenvolvimento do seu atleta. O desenvolvimento do atleta pode ser afetado pelos seus sentimentos em relação ao técnico, como: respeito, temor, dissociação. O perfil de uma pessoa de referência, ou como algo ou alguém é visto por ele, é afetado pelas

suas percepções, e retorna na forma daquilo que ele aprende.

Assim como "tendenciamos a selecionar amigos e julgá-los de acordo com nossos próprios sistemas de valores e personalidades. Nós gostamos de ver em outras pessoas os tipos de traços que admiramos em nós mesmos"(SINGER). Esta poderia ser uma hipótese das razões para a escolha de certos atletas pelos técnicos, porém ainda não existem pesquisa conclusivas a respeito.

Ainda sobre a relação de empatia técnico-atleta SINGER escreve que se o atleta gosta e respeita o técnico ele tende a executar e a aprender bem as ordens do mesmo.

Caso não haja essa relação de empatia forma-se uma barreira entre aluno e professor, atleta e técnico, dificilmente sobrepujada e certamente não representará uma situação favorável de ensino aprendizagem (SINGER, 1968). Assim ocorre também quando, por exemplo, o atleta gosta muito do seu primeiro técnico, e não gosta do atual (SINGER, 1972).

4.2 DEFINIÇÃO DE TERMOS:

ATLETA: pessoa que pratica determinado desporto.

TECNICO: pessoa que orienta atletas na prática de determinado desporto, seja nos treinos ou durante o jogo.

TRAÇOS DE PERSONALIDADE: "qualidade ou atributo relativamente permanente do individuo, e suficientemente geral para manifestar-se numa variedade de situações, são componentes

da personalidade." (TELFORD, 1973)

VOLEIBOL: "modalidade de esporte, praticada por duas equipes de seis jogadores, que consiste em se arremessar a bola com as mãos, de um lado para outro da quadra, sobre uma rede, sem permitir que ela toque o solo." (E. BARSÁ, 1981)

5 METODOLOGIA

Após identificado o problema e definidos os objetivos e a justificativa, procedeu-se uma pesquisa bibliográfica nas diversas bibliotecas de Curitiba, inclusive bibliotecas particulares. De posse desse material bibliográfico, que foi selecionado de acordo com os objetivos, montou-se o referencial teórico da pesquisa.

Num segundo momento, procedeu-se a escolha da técnica a ser utilizada para atingir os objetivos e responder ao enunciado do problema. Constatou-se que o melhor instrumento era o teste 16 P.F. de CATTELL, por ser ainda o teste mais aplicado por psicólogos do esporte (CRATTY, 1983), e ser o que mais se aproxima de que se desejava nesta pesquisa, apesar de ainda não ser o ideal.

Uma vez escolhido o instrumento procedeu-se à aplicação deste junto aos técnicos. Sendo estes 16 (dezesesseis), de um total de 32 (trinta e dois) técnicos atuantes no VIII INTERCOLEGIAL CURITIBA, ocorrido em outubro de 1992.

As respostas ao teste foram transformados em escores relativos a cada fator de personalidade. Estes dados foram computados estatisticamente por percentagem, em gráficos e em tabelas. Analisando-se estes dados pôde-se chegar às conclusões.

6 ANÁLISE INTERPRETAÇÃO DE DADOS

As respostas dos técnicos às perguntas foram convertidas em valores (0, 1 ou 2), somando-as obteve-se os escores brutos de cada fator. Estes escores brutos, para serem devidamente analisados foram transformados em resultados padrões, isto é, foram convertidos num sistema que relacionava o resultado de cada técnico com os escores da população geral (masculino e feminino), o que resultou numa escala chamada de estenos (ver TABELA I).

Os estenos distribuem-se numa amplitude de 1 a 10, com média em 5.5, sendo 0.5 o desvio padrão da população geral. Consideram-se normais os estenos 5 e 6; ligeiramente desviados, os resultados 4 e 7; muito desviados, os estenos 2 e 3 e 8 e 9; e extremos os estenos 1 e 10. (CATTELL, s/d).

Cada esteno corresponde a um fator de personalidade, representado por uma letra. Um resultado mais baixo ou mais alto corresponde a determinado traço de personalidade, respectivamente: A) reservado x expansivo; B) menos inteligente x mais inteligente; C) menor força do ego x maior força do ego; E) submissão x dominância; F) dessurgência x surgência; G) menor força do superego x maior força do superego; H) threctia x parmia; I) barria x premsia; L) alaxia x protensão; M) praxernia x autia; N) naturalidade x requinte; O) adequação serena x propensão ao sentimento de culpa; Q1) conservantismo x radicalismo;

Q2) aderência ao grupo x auto-suficiência; Q3) baixa integração x autocontrole por auto-sentimento; Q4) baixa tensão érgica x alta tensão érgica.

TABELA I - ESCORES DOS FATORES PRIMÁRIOS

TECNICOS ESTENOS	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	T	M
A	6	6	6	4	5	5	7	8	6	6	8	7	5	6	5	6	96	6.00
B	5	4	6	5	6	6	9	3	6	5	6	6	6	6	5	7	91	5.69
C	7	7	8	4	8	7	8	6	10	7	1	6	5	10	7	4	105	6.56
E	5	8	10	7	7	7	5	7	10	6	3	6	5	3	9	6	104	6.50
F	8	8	8	7	8	7	6	8	6	6	2	7	4	4	7	6	102	6.37
G	4	5	7	4	7	6	5	4	3	5	4	5	6	6	4	8	83	5.19
H	6	7	9	5	7	4	4	7	7	6	6	9	2	9	8	7	103	6.44
I	6	4	6	6	4	1	5	5	4	6	7	5	3	6	4	8	80	5.00
L	7	3	4	7	4	4	5	7	3	7	7	4	5	3	7	5	82	5.12
M	6	3	4	5	3	3	7	7	6	6	8	1	4	6	6	7	82	5.12
N	8	5	7	8	10	9	6	6	6	5	5	5	10	1	5	2	98	6.12
O	4	6	2	8	3	6	5	5	4	5	5	5	8	4	3	8	81	5.06
Q1	5	6	8	7	7	6	2	6	8	6	4	6	8	5	8	5	97	6.06
Q2	4	6	4	4	4	5	4	5	3	5	6	5	5	2	5	5	72	4.50
Q3	4	4	6	8	8	5	3	4	8	7	8	7	5	9	6	5	97	6.06
Q4	6	3	6	2	2	5	6	8	4	6	6	6	8	2	3	8	81	5.06

Além desses 16 fatores primários, obteve-se através da combinação dos estenos destes, outros 4 fatores de segunda ordem, mais amplos, respectivamente: I) ajustamento x angústia; II) introversão x extroversão; III) brandura emocional x aprumo vivaz; IV) sujeição x independência. (ver TABELA II).

TABELA II - ESCORES DOS FATORES DE SEGUNDA ORDEM

TECNICOS FATORES	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	T	M
I	5.4	3.8	2.6	7.2	1.7	5.2	5.5	5.7	2.2	5.1	6.1	4.3	8.0	0.6	3.1	7.2	73.7	4.60
II	7.0	6.6	10.0	6.5	7.9	5.8	5.4	8.3	8.4	6.3	4.0	8.6	3.0	6.7	8.4	7.8	110.7	6.92
III	6.1	7.9	7.5	6.7	8.3	10.5	5.5	5.5	8.1	6.0	0.9	6.5	7.9	4.1	7.7	2.7	101.9	6.37
IV	4.8	6.1	6.8	6.3	6.2	5.2	3.4	6.1	7.8	5.6	3.6	3.6	5.7	2.8	8.3	5.1	87.4	5.46

Através da TABELA III, que apresenta a distribuição de frequência dos fatores primários percentualmente em classes de estenos, analisando fator por fator, verificou-se que:

FATOR A O maior percentual neste fator concentra-se na média da população geral, porém com desvio de 25% para o lado mais expansivo, sem extremos. O que condiz com vários autores que defendem que o técnico seria uma pessoa que deveria gostar de ocupações que envolvam contatos pessoais, como no caso.

FATOR B Está igualmente distribuído para ambos os lados, com frequência maior na média. Fato que contradiz relativamente o comentário de certos autores ao afirmaram que o técnico deveria ser bastante inteligente.

FATOR C Frequência bastante distribuída, caracterizando uma variedade grande, que pode estar ligada ao tempo de experiência que cada um possui na ocupação, pois é da sabedoria popular que amadurecimento vem com o tempo, com a experiência.

FATOR E Apesar da maior concentração na média populacional, a maioria se caracteriza como pessoas independentes, seguras de si e até austeras, características consideradas indispensáveis num bom técnico por vários dos autores citados anteriormente.

FATOR F Caracteriza leve tendência à impulsividade, pessoas agitadas, tagarelas, joviais, expressivas, que geralmente em eleições são escolhidas como líderes, característica importante ao técnico.

FATOR G Percentuais bastante distribuídos, com leve desvio para pessoa evasiva, que não se esforça por aderir às exigências da sociedade, pode ser considerado como ponto positivo ao técnico por estar ele assim menos sujeito ao stress.

FATOR H Tendência a ser desenvolto, desembaraçado, ousado e espontâneo.

FATOR I Maior frequência encontrada na média, porém tende mais a ser firme, dura e a fazer um grupo agir numa base de senso prático e realista. Outro traço apontado como ideal.

FATOR L Percentual bastante distribuído, não tende nem a ser muito confiante nem a ser desconfiado, ou seja, os técnicos não se caracterizam nem por um nem por outro.

FATOR M Ampla variedade, podendo ser mais prático, preciso ou informal e criador.

FATOR N Fator amplamente distribuído, com casos nos extremos opostos, e também maior frequência na média da população, ou seja, alguns tendem a ser mais requintados outros mais genuínos, provavelmente não tendo muita relação com a ocupação.

FATOR O Grande tendência a ser seguro de si, plácido, com nervos inabaláveis, não aceita opiniões alheias com facilidade o que pode provocar antipatias e desconfiança.

FATOR Q1 Leve desvio para o traço renovador, crítico, inquiridor, mais dado a tentar experiências novas, traços geralmente

desejáveis no bom técnico.

FATOR Q2 Tendência total a ser pessoa gregária, gosta de ter o apoio do grupo. Nenhum caso de técnico auto-suficiente, independente do grupo.

FATOR Q3 Maior probabilidade de ter pouca auto disciplina, não ter preocupação com força de vontade, o que de certo modo surpreende, pois contraria muito as expectativas sobre os traços do técnico.

FATOR Q4 Grande porcentagem na média, com maior inclinação a ser fleugmático, calmo, sereno e satisfeito, o que pode levar a uma indesejada acomodação.

TABELA III - DISTRIBUIÇÃO DE FREQUENCIA (%)

FATOR CLASSE	A	B	C	E	F	G	H	I	L	M	N	O	Q1	Q2	Q3	Q4
1	-	-	6.25	-	-	-	-	6.25	-	6.25	6.25	-	-	-	-	-
2---3	-	6.25	-	12.50	6.25	6.25	6.25	6.25	6.25	18.75	6.25	18.75	6.25	18.75	12.50	25.00
4	6.25	6.25	12.50	-	12.50	31.25	12.50	25.00	25.00	12.50	-	18.75	6.25	31.25	18.75	6.25
5---6	68.75	75.00	18.75	37.50	25.00	43.75	25.00	52.00	18.75	37.50	52.00	43.75	12.50	43.75	37.50	52.00
7	12.50	6.25	31.25	25.00	25.00	12.50	31.25	6.25	37.50	18.75	6.25	-	12.50	-	6.25	-
8---9	12.50	6.25	18.75	12.50	31.25	6.25	25.00	6.25	-	6.25	18.75	18.75	25.00	-	25.00	18.75
10	-	-	12.50	12.50	-	-	-	-	-	-	12.50	-	-	-	-	-

Ainda da mesma forma analisados os fatores de segunda ordem

(TABELA IV):

TABELA IV - DISTRIBUIÇÃO DE FREQUENCIA (%)

FATOR CLASSE	I	II	III	IV
1---2	6.25	-	6.25	-
2---4	25.00	6.25	6.25	25.00
4---5	6.25	6.25	6.25	6.25
5---6	31.25	12.50	18.75	25.00
6---7	6.25	31.25	18.75	31.25
7---9	18.75	37.50	37.50	12.50
9---10	-	6.25	6.25	-

FATOR I Apresenta uma variedade de resultados não caracterizando nem um nem outro.

FATOR II Maior concentração no traço extraversão, o que concorda com a literatura.

FATOR III Leve desvio para o traço aprumo vivaz, ou seja, o técnico é uma pessoa determinada, age com rapidez, não para muito tempo para pensar, por isso, muitas vezes, passível de cometer erros.

FATOR IV Pode-se dizer, através destes dados que o técnico está mais para pessoa independente, ousada e incisiva. Outra vez concordando com vários autores.

CONCLUSÃO

Pode-se concluir que:

- a) Não há um perfil de personalidade típico do técnico de voleibol de Curitiba e Região Metropolitana.
- b) Alguns traços de personalidade os técnicos de voleibol de Curitiba e R. M. possuem, na sua maioria, mais acentuados do que a média da população geral, porém nem todos os possuem.
- c) Vários traços de personalidade dos técnicos pesquisados coincidem com os traços considerados desejáveis, ideais pertencentes ao técnico por vários dos autores citados anteriormente.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS:

- 01 BAACKE. **Manual do Treinador: Métodos de direção e táticas de**
equipe. CBV -MEC. 1981-1984
- 02 BEISSER, Arnold R. **The Madness in Sports.** Appleton- Century-
Crofts. New York. 1967.
- 03 CATTELL, Raymond B. e EBER, Herbert W. **Questionário de 16**
Fatores de Personalidade - Formas A e B: Manual Abreviado.
Centro Editor de Psicologia Aplicada Ltda. Rio de Janeiro.
R.J. s/d.
- 04 CATTELL, Raymond B. e EBER, Herbert W. **Questionário de 16**
Fatores de Personalidade - Formas A e B: Suplemento ao
Manual Abreviado. Centro Editor de Psicologia Aplicada
Ltda. Rio de Janeiro. R.J. s/d.
- 05 CRATTY, Bryant J. **Psicologia do Esporte.** Prentice-Hall do
Brasil Ltda. R.J. 1984.
- 06 ENCICLOPEDIA BARSA. São Paulo. Encyclopaedia Britannica.
1981.16v. v.15.
- 07 FERNANDES, José Luis. **O Treinamento Desportivo:**
procedimentos, organização, métodos. São Paulo: E.P.U.
1981.
- 08 FISCHER, A. C. **Psychology of Sport.** Mayfield Publishing
Company. Palo Alto, C.A. 1976.

- 09 FRISCHKNECHT, Paulo Jr. A Influência da Ansiedade no Desempenho de atleta e do Treinador. *Revista Treino Desportivo*, nº 2, fascículo 15: p.21-28. Lisboa. 1990
- 10 HENDRY, L. B. The Assesment of personality traits in the coach-swimmer relationships and a preliminary of the father-figure stereotype. *Research Quaterly*. 1969, 39, 543-551.
- 11 _____. The Coaching streotype. *Readings in Sports Psicilogy*. H.T.A. Whiting. London: Kimpton Publishers, 1972, p. 26-34.
- 11 KLEINE, Dietmar. Esporte e Personalidade: Temos que renunciar à nossa tão antiga convicção? *KINESIS*, 2 (1): 9-36. Jan-jun. 1986.
- 12 MATSUDAIRA. *Manual do Treinador: Volleyball para a vitória*. CBV-MEC. 1981-1984.
- 13 OGILVIE, B.C. *Personality profile of Successful Coaches*. *Procedings, Sports Injury Clinic*, A. Ryan. M. D. University of WISCONSIN, 1967.
- 14 PARISI, Mario. *Psicologia*. Saraiva. São Paulo. 1983.
- 15 SILVA, Athayde R. da. *Psicologia Esportiva e Preparo do Atleta*. F.G.V. Rio de Janeiro. 1967.
- 16 SINGER, Robert N. *Coaching, Athletics and Psicology*. Mc. Graw-Hill. Florida State University, U.S.A. 1972.
- 17 _____. *Motor Learning and Human Performance*. Macmillan. New York, 1968.
- 18 TELES, M. Luiza Silveira. *Uma Introdução à Psicologia da Educação*. Vozes. Petrópolis. R.J. 1975.

19 TELFORD, Charles W. e SAWREY, James M. Psicologia: Uma
Introdução aos Princípios Fundamentais do Comportamento.
Cultrix. São Paulo. 1973.